

BATISTA, DOUGLAS EMILIANO

O declínio da transmissão na educação:  
notas psicanalíticas

São Paulo: Annablume; FAPESP, 2012, 230 p.

Marcia Regina Fogaça

---

As notas psicanalíticas de Douglas Emiliano Batista se constituem em torno de um eixo central, como o aponta em seu título, que é a questão do declínio da transmissão na educação. A partir de análises muito bem estabelecidas e relações muito bem escolhidas na contextualização da questão no interior da questão maior que é a modernidade, tais notas nos conduzem a reflexões que ampliam seu alcance. No texto de Batista, cuja formação é em Filosofia, Leandro de Lajonquière identifica, na “Apresentação”, o movimento que parte dos desdobramentos da leitura feita sobre a tese freudiana – de que Leonardo da Vinci teria sido um precursor do homem moderno, de sua maneira de lidar com a tradição – que levou o autor a se confrontar com Freud, ou seja, com a psicanálise. O encontro com o Leonardo de Freud conduziu ao aprofundamento das teses psicanalíticas que o guiaram no exame daquilo que constitui seu objeto.

Na “Introdução”, Batista indica aos interessados especificamente em “questões escolares” que eles podem iniciar sua leitura no capítulo III. Pode-se concordar que haja uma certa independência entre os capítulos iniciais e o terceiro capítulo; porém, de nossa parte, avisamos

■ Psicanalista, doutora em Educação, membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância (LEPSI), docente da Faculdade de Itapeverica da Serra (FIT), São Paulo, SP, Brasil.



enquanto possível a partir da igualdade que então se coloca.

Contudo, falar da modernidade no contexto de uma leitura psicanalítica é colocar a questão do desejo na análise. Dessa perspectiva, é sobretudo em Lajonquière que o autor apoia seu pensamento sobre a questão. Assim, a laicização promovida pela modernidade é também abordada em termos de “uma reconfiguração do investimento libidinal em torno do devir humano” (p. 22). O que durante séculos foi creditado à vida eterna passa a ser creditado à posteridade: uma passagem do além para o aquém, ou seja, o futuro começa aqui e agora. Logo, é o futuro na terra, e não mais no céu, que passa a balizar o desejo do homem.

No primeiro capítulo, Batista faz uma análise da constituição da arte moderna laica em relação à questão da emergência da ruptura com a tradição, apontada como característica da época autodenominada moderna – ruptura que caracterizaria tal época como um “novo tempo”, localizado entre o “não mais” e o “não ainda”, porém, profundamente marcado pela impossibilidade de fundar-se a partir de uma tábula rasa, como pretendeu a Revolução Francesa. Isso quer dizer que o desejo de gestar algo novo e no aquém não produz apenas ruptura, mas também – conforme Lajonquière, citado por Batista – um inventário do passado, um passar a limpo a tradição, uma busca de sentido não contido no passado. A transitoriedade da vida passou a ser vivida como a transitoriedade do momento circunstancial, como despedida do passado paradigmático, como consciência de atualidade. Nas belas artes, tal Baudelaire via Habermas, a atualidade se situa no ponto em que o tempo e a eternidade se cruzam, localização do transitório cujo reconhecimento enquanto “passado autêntico de um presente futuro” é reivindicado pela modernidade. Tal reconhecimento a livraria da trivialidade, da banalidade cujo *continuum* seria quebrado pela constituição de uma legalidade “não toda” em torno da arte moderna e laica.

Assim, o que poderia ser caracterizado como rebeldia moderna frente à tradição – “fato” possível a



É no marco do recurso ao pensamento, mais que às respostas autorizadas pela tradição, que Freud coloca Leonardo da Vinci como precursor do homem moderno, tese que Batista se propõe a analisar na segunda de suas notas. Uma interessante discussão sobre uma única recordação infantil de Leonardo da Vinci, encontrada entre suas anotações e trabalhada por Freud em seu texto sobre o renascentista, se dá em torno da tradução da palavra *niño*, que se refere a uma ave presente naquela recordação. *Nibio* é traduzida por Freud como sendo “abutre”, quando seria corretamente traduzida por “falcão” (milhafre). Em que pese o “erro” de Freud, as conclusões acerca da relação de Leonardo com a autoridade da tradição – que aparece ora como identificação, ora como rebeldia – o configuram como precursor da secularização moderna. A independência investigativa frente à autoridade da Igreja reflete uma margem de liberdade humana que Leonardo ilustra enquanto impossibilidade – no sentido que a psicanálise dá a essa palavra – de plena realização.

A “margem de liberdade que nunca pode ser previamente resolvida”, marca do homem moderno que se resume a “gestar no presente um futuro inaudito ... simbolicamente enleado ao passado” (p. 100), é componente da fórmula que produz a invenção do “dispositivo escolar moderno”, laico, público e gratuito, cuja finalidade é educar o homem novo dos novos tempos. “As duas fases da escolarização moderna: a religiosa e a secular” são examinadas por Batista com a ajuda de Nóvoa, Narodowski e Lefort. Enquanto Nóvoa defende a ideia de que a passagem da escola religiosa para a laica é marcada muito mais por continuidades do que por rupturas, muito mais por um deslocamento de tutela do que qualquer coisa parecida com o que houve no início dos tempos modernos, nosso autor é mais favorável a destacar as *diferenças* do que as semelhanças. Dentre as diferenças, aponta que o religioso educa em “nome de uma verdade transcendente e do interesse privado”, ao passo que o laico educa em nome de princípios falíveis e revisáveis do interesse público.

Na visão de Batista, Narodowski não se afasta muito de Nóvoa ao afirmar que a escola moderna se dirige à infância constituída pelo afastamento das crianças da vida cotidiana dos adultos, constituindo-se, por sua vez, em tecnologia de formação da infância que resultou numa “pedagogia da intimidação”. Batista, por seu lado, pensa que “nem tudo com respeito à vida escolar está pautado apenas nisso” (p. 110) e busca respaldo em Lefort para defender a ideia de que há uma diferença substancial entre as duas escolas e que esta se funda na no-



de Lajonquière, nos visita fantasmagoricamente na pedagogia colonizada pela psicologia científica de nossos dias.

Outro aspecto da herança rousseuniana, abordado por Batista em “A escola em nome do pai”, diz respeito a um importante problema da educação contemporânea. Na medida em que o pai Rousseau substitui o filho pelo aluno, ele faz erigir a figura do professor como educador substituto do pai. Essa seria uma das formas fortes sob as quais o declínio da autoridade do pai se apresentaria. Na opinião de Narodowski, Rousseau mata os pais, levando a que a educação moderna passe cada vez mais das mãos destes para as da escola. Na opinião de Batista, há mais *ambivalência* no que diz respeito à questão do pai na Era Moderna do que se costuma admitir. Colocando a questão no contexto de uma discussão mais ampla que se refere às relações entre as esferas pública e privada, questiona a ideia de que a escola estaria totalmente do lado da vigilância e controle do estado e lhe dá um voto de confiança, ou, melhor dizendo, dá à política e ao caráter público da escola um voto de que esta pode “devolver” o filho ao pai, tendo este sido educado em seu nome. Esse voto de confiança se relaciona à leitura de que a obrigatoriedade da escolarização laica, pública e gratuita “representou a contrapartida educacional da revitalização da esfera política nos tempos modernos” (p. 141). Tal revitalização está associada à questão temporal que se coloca aos modernos em termos de atribuição de densidade política ao tempo presente, que, por sua vez, *coloca o futuro como tempo forte da humanidade*, no sentido de um responsabilizar-se por ele no presente. Porém, essa atitude, própria dos iluministas, muito difere da posição positivista quanto à força do futuro. Assim como Itard poderia ser considerado um herdeiro paradoxal do naturalismo de Rousseau, o Positivismo descartou da herança iluminista o caráter político do presente enquanto tempo de engendramento de um futuro indeterminável. O futuro positivista se engendra pela adequação do presente a um futuro supostamente cognoscível, ou seja, esvazia o presente de seu caráter político, de ação.

No campo educacional, o esvaziamento do caráter político do presente favorece a ideia do desenvolvimento de pretensas potencialidades naturais do indivíduo, ou seja, engendra um futuro cognoscível para as crianças desprezando a importância imprescindível da transmissão de marcas simbólicas e incrementando a desconsideração, a desresponsabilização e a desautorização dos sujeitos frente à transmissão. Isto vai na contramão da experiência narrada por Batista, via Boto, em “Um debate educacional na Revolução Francesa”, da qual vale res-



do “teor *significante* da tradição escolar que embasava a *formação cultural* como fim em si, e de tal maneira que a fórmula ‘não aprendemos para a vida e sim para a escola’ foi posta finalmente de cabeça para baixo: ‘não aprendemos para a escola e sim para a vida’” (p. 171, *itálicos do autor*). Por outro lado, todo esse movimento é solidário do apagamento da assimetria estrutural entre aquele que ensina e aquele que aprende e, por conseguinte, atrapalha a necessária filiação simbólica.

Nesse sentido, pode parecer incompreensível àqueles que desmerecem o ensino de conteúdos em prol de um ensino voltado quase que exclusivamente às “necessidades” dos alunos que, “mediante o contemporâneo ocaso da transmissão de conteúdos, a escola siga então se descaracterizando crescentemente, e a ponto tal de se tornar, ao cabo de tudo, irremediavelmente ‘chata’ (muito mais do que se supunha ser as aulas expositivas de antigamente), e isso exatamente porque, ao contrário de alargar os horizontes não escolares de significantes epistêmicos, a escola se limita agora ao papel achatador ou afunilante de fazer apenas desabrochar a rota já profetizada das capacidades ditas naturais ou endógenas dos alunos” (p. 175) – fruto da ascensão da imaginarização naturalista levada a cabo pela (psico)pedagogia e do “esboroa-mento do real”.

As conclusões tiradas por Batista do extenso, minucioso e nada “chato” – nos dois sentidos – estudo que apresenta acerca do declínio da transmissão na educação, desde que os fundamentos da modernidade foram gradativamente sendo deslocados pelos votos de fechamento do espaço aberto por ela ao pensamento e à ação, deixo em suspenso para que o leitor se sinta instigado a lê-las em sua própria letra e, assim, ter o privilégio da experiência dos efeitos significantes de sua transmissão.

mfogaca@usp.br  
Estradas dos Maciéis, 198  
06854-120 – Itapeverica da Serra – SP – Brasil.

*Recebido em outubro/2012.  
Aceito em fevereiro/2013.*